



NIA

NÚCLEO
DE INVESTIGAÇÃO
ARQUEOLÓGICA

ERA
ARQUEOLOGIA

14

***A*PONTAMENTOS**

de Arqueologia e Património

ABR 2020

ISSN: 2183-0924

***A*PONTAMENTOS**

de Arqueologia e Património

14

ABRIL

2020

Título: *Apontamentos de Arqueologia e Património*
Propriedade: *Era-Arqueologia S.A.*
Editor: *ERA Arqueologia / Núcleo de Investigação
Arqueológica – NIA*
Local de Edição: *Lisboa*
Data de Edição: *Abril de 2020*
Volume: *14*
Capa: *Sepultura romana 16 de Bantum*
(Foto: José Carvalho)

Direcção: *António Carlos Valera*

ISSN: 2183-0924

Contactos e envio de originais:
antoniovalera@era-arqueologia.pt

Revista digital.
Ficheiro preparado para impressão frente e verso.

O uso do acordo ortográfico está ao critério de cada autor.

ÍNDICE

EDITORIAL	07
Nelson J. Almeida, Ana Catarina Basílio e António Carlos Valera THE FAUNAL RECORD FROM SANTA VITÓRIA (CAMPO MAIOR): AN INITIAL APPRISAL BASED ON THE REMAINS FROM 2018 AND 2019 EXCAVATIONS.	09
António Carlos Valera e Tiago do Pereiro O RECINTO DE FOSSOS PRÉ-HISTÓRICO DE BORRALHOS (SERPA): APROXIMAÇÃO À SUA ARQUITECTURA ATRAVÉS DA PROSPECÇÃO GEOFÍSICA.	17
Helena Reis, António Carlos Valera, Marta Macedo e Nelson Cabaço A QUINTA VELHA: UMA OCUPAÇÃO CALCOLÍTICA NA SERRA DE SINTRA.	29
António Carlos Valera, Carlo Bottaini e Ana Catarina Basílio A DEPOSIÇÃO DE UMA ALABARDA EM CONTEXTO CAMPANIFORME NA ÁREA CENTRAL DO RECINTO DOS PERDIGÕES (REGUENGOS DE MONSARAZ).	41
José Filipe dos Reis Carvalho AS NECRÓPOLES DE BANTUM E HERDADE DO LAMARIM I (BALEIZÃO, BEJA). RESULTADOS DE DUAS INTERVENÇÕES ARQUEOLÓGICAS EM DOIS ESPAÇOS FUNERÁRIOS DO PERÍODO ROMANO E ANTIGUIDADE TARDIA.	49
José Filipe dos Reis Carvalho e Rui Ramos A ÂNFORA ROMANA DRESSSEL 1 (REI RAMIRO, CASTELO DE GAIA): CARACTERÍSTICAS E CONTEXTUALIZAÇÕES.	55
Rui Ramos e José Filipe dos Reis Carvalho O SÍTIO DO REI RAMIRO: CONTRIBUTO PARA O CONHECIMENTO DAS OCUPAÇÕES ANTIGAS NO MONTE DO CASTELO (VILA NOVA DE GAIA)	67
Francisco Raimundo e Tiago Gil PALÁCIO DOS FERRAZES (RUA DAS FLORES / RUA DA VITÓRIA, PORTO). SÍNTESE DOS RESULTADOS DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA.	83
Vanessa Rodrigues ANÁLISE ESTRATIGRÁFICA PARIETAL NA CONSERVAÇÃO E RESTAURO.	101



EDITORIAL

A *Apontamentos de Arqueologia e Património* completa em 2020 treze anos de existência. Se a isto somarmos os oito anos anteriores (e oito volumes publicados) da revista *ERA Arqueologia* e o arranque das séries monográficas (a *ERA Monográfica*, com três volumes editados, e a *Perdigões Monográfica*, com um número publicado e outro no prelo), fica claro o empenhamento e o compromisso que a *ERA Arqueologia* sempre manteve com divulgação do resultado do seu trabalho. Um compromisso feito também de resiliência, porque os tempos nem sempre foram fáceis.

A publicação do décimo quarto número ocorre, novamente, num contexto de dificuldades e de algumas (muitas) incertezas. Contudo, há já algum tempo que ele estava previsto para agora e a sua publicação não assume qualquer particular simbolismo ou declaração relativamente a este tempo que vivemos em Abril de 2020. Revela apenas o continuar resiliente de uma trajectória de direcção única (o que, como Almada Negreiros bem sublinhou, é o oposto de única direcção).

António Carlos Valera

A ÂNFORA ROMANA DRESSSEL 1 (REI RAMIRO, CASTELO DE GAIA): CARACTERÍSTICAS E CONTEXTUALIZAÇÕES

José Filipe dos Reis Carvalho¹
Rui Ramos¹

Resumo:

O monte do Castelo de Gaia é um dos locais mais importantes da ocupação humana na foz do rio Douro. No âmbito da intervenção arqueológica realizada pela ERA-Arqueologia, S. A., entre 2016 e 2018, motivada pela necessidade de avaliação prévia de um projeto relacionado como um empreendimento hoteleiro, detetaram-se significativas estruturas de elevado valor histórico-patrimonial da Época Romana e Idade do Ferro, bem como um numeroso espólio onde se destaca uma significativa percentagem de cerâmica importada. Nas ocupações romanas mais antigas, tardo-republicanas, destaca-se a presença de uma tipologia anfórica que se inscreve no processo de conquista romana - a ânfora do tipo Dressel 1.

Abstract:

A Dressel 1 roman amphora (Rei Ramiro, Castelo de Gaia): characteristics and contextualization.

The Gaia castle hill is one of the main places of ancient human occupation at Douro's river mouth. An archaeological excavation that occurred between 2016 and 2018, due to a previous archaeological evaluation of a building project, were discovered important Iron Age, Roman ruins and relevant ceramic set. At the late Roman Republican levels to emphasize the presence of an amphoric typology that is part of the process of Roman conquest - the Dressel 1 amphora

1. Introdução

O presente trabalho decorre da revisão mais alargada e sistemática dos fragmentos de contentores anfóricos do tipo Dr.1 provenientes da escavação arqueológica realizada pela ERA-Arqueologia, S.A. entre 2016-2018, do sítio do Rei Ramiro, Castelo de Gaia, freguesia de Santa Marinha, em Vila Nova de Gaia, no âmbito de um processo de minimização de impactos associado a um empreendimento hoteleiro.

Os trabalhos arqueológicos mencionados permitiram colocar a descoberto várias estruturas pertencentes a diferentes períodos históricos, bem como recuperar um importante e numeroso espólio arqueológico que abarca um horizonte cronológico desde a Idade do Ferro até à Idade Média. Do espólio mencionado, destacam-se as ânforas romanas pela quantidade de elementos, estado de conservação e diversidade de tipologias.

Com efeito, o presente trabalho não pretende fazer qualquer revisão ou reinterpretação dos resultados da escavação arqueológica, mas, sim, realizar uma contextualização e caracterização de uma das mais significativas ânforas do período tardo-republicano romano.

A metodologia de que nos servimos, para além de uma revisão sobre o estado da arte relativa à forma anfórica objeto de estudo e dos trabalhos arqueológicos desenvolvidos na colina do castelo de Gaia, compreendeu uma análise quantitativa e qualitativa da Dr.1 presente no sítio do Rei Ramiro (castelo de Gaia) assinalando-se a sua variabilidade morfológica, os seus fabricos, proveniências, a sua contextualização estratigráfica, bem como, através das publicações disponíveis, a apresentação do panorama da sua distribuição no atual território português.

1. A colina do Castelo de Gaia

O monte do castelo de Gaia é um dos sítios mais significativos para o estudo da ocupação humana no curso terminal do Douro estando intrinsecamente ligado à problemática localização do núcleo urbano de Cale mencionada nas fontes clássicas e a sua ulterior evolução, através de Portus Cale (Silva 1994).

¹ Omnisknos Lda.

As primeiras sondagens arqueológicas feitas no castelo de Gaia ocorreram no ponto mais elevado da colina, em 1983-1985, tendo esses trabalhos revelado restos de construções e espólio da época romana e algum espólio proto-histórico, incluindo materiais do Bronze Final (Silva 1984).

Em 1988-1989 e 1992, nas escavações na capela do Bom Jesus de Gaia, na encosta nordeste da colina do castelo, salienta-se, em especial, as ruínas de duas construções, descritas como “*um edifício paleocristão, violentamente destruído no século VI*”, para além de espólio proto-histórico e romano em depósitos secundários (Guimarães 1995a; 1989; 1995b).

Entre 1999 e 2004, uma nova escavação arqueológica (muito próxima do sítio do Rei Ramiro), evidenciou a deteção de estruturas proto-históricas e romanas com destaque para um troço de algumas dezenas de metros de uma muralha do séc. I d.C. (Carvalho, Fortuna 2000; Carvalho 2003).

Em 2005, num terreno situado entre as ruas de Entre Quintas e de São Marcos uma nova intervenção arqueológica associada a um projeto imobiliário, demonstrou a presença de importantes elementos arquitetónicos romanos e dois fossos defensivos, escavados no saibro natural que protegeriam o povoado castrejo (Queiroga 2006).

Entre 2007 e 2008, numa nova intervenção arqueológica de cariz preventivo na Quinta de Santo António (na zona noroeste do castelo de Gaia) revelou restos arquitetónicos e materiais datados do período tardo-antigo, com destaque para um vasto edifício, provavelmente de natureza religiosa, associado a pelo menos uma dezena de sepulturas de diferentes tipologias (Nascimento, Sousa, Silva 2008).

Por fim, também em 2007, na vertente norte da colina, trabalhos arqueológicos permitiram constatar a presença de várias estruturas que documentam uma ocupação contínua do local entre a Idade do Ferro e os tempos modernos, com destaque, contudo, para os períodos proto-histórico e romano (Sousa, Piedade 2008). Entre julho e setembro de 2008, no sítio do Rei Ramiro, foram realizadas 14 sondagens prévias que puseram a descoberto as primeiras estruturas romanas e tardo-romanas existentes no local (Barbosa, Prieto 2011).

1.1 O sítio do Rei Ramiro: breve síntese dos trabalhos arqueológicos desenvolvidos entre 2016 e 2018

A escavação arqueológica realizada por uma equipa da ERA-Arqueologia, S.A. entre 2016 e 2018, na vertente nordeste da colina do castelo de Gaia, permitiu a identificação de variados contextos arqueológicos enquadrados em 11 fases de ocupação e abandono, que materializam três grandes ocupações: no período medieval, no período romano e na II Idade do Ferro (Ramos 2019: 50).

Da Época Romana salienta-se a identificação de um grande edifício de armazenamento do tipo Horrea construído, utilizado e eventualmente abandonado no tempo de Augusto. A análise do material anfórico permitiu balizar a construção desta estrutura entre o ano 30 a 20 a.C.

A ocupação da II Idade do Ferro, balizada entre o séc. IV a.C. e o séc. I a.C., apresenta testemunhos evidentes do povoado castrejo existente no local. As estruturas habitacionais de planta circular, apresentam especificidades raras no panorama regional, nomeadamente a existência de edifícios de adobe ou argila, coetâneos com edifícios em alvenaria de pedra mais tradicionais (Ramos 2019: 128). Associada à ocupação da Idade do Ferro, salienta-se igualmente a identificação de várias estruturas de combustão que demonstram o uso intensivo deste espaço como área funcional.

O espólio arqueológico recolhido na intervenção arqueológica é também muito diverso, relevante e numeroso. No que se refere à ocupação proto-histórica, salienta-se a presença de cerâmicas ditas púnicas ou de influência púnica e que circularam na península desde o século VI a.C. até ao séc. III-II a.C. (Ramos 2019: 128), bem como uma abundante cerâmica doméstica onde predomina a olaria castreja de produção local. Entre as produções romanas destaca-se a presença de um apreciável número cerâmica importada, nomeadamente de fragmentos de ânforas produzidas em variadíssimos locais do mundo romano (Norte de África, Mediterrâneo Central e Oriental, Palestina, Egito, Hispânia Meridional) e cerâmica fina (em proporção muito menor).

Em termos gerais, o espólio arqueológico desta intervenção atesta a vitalidade das rotas comerciais que cruzavam o noroeste da Hispânia desde a segunda metade do primeiro milénio a.C. e nas quais este sítio desempenhou um pequeno papel, fosse como destino final ou simples ponto intermédio entre a origem e o fim dos produtos transacionados (Ramos 2019: 114).

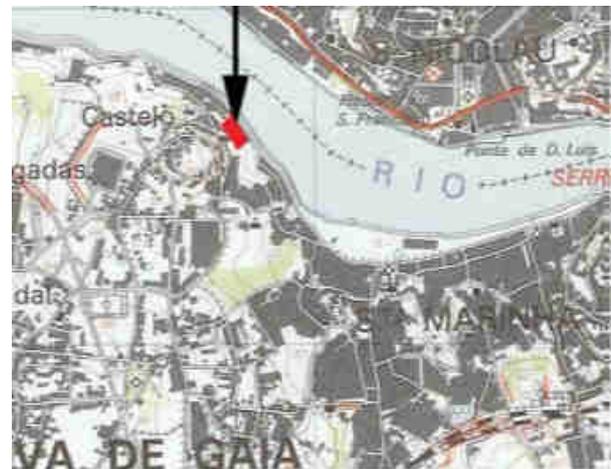


Figura 1 – Localização do sítio do rei Ramiro, a vermelho, na carta militar 1.25000, folha número 122.

2. A ânfora do tipo Dressel 1: dados contextuais

A forma Dr.1 foi individualizada por H. Dressel (1899) com o número 1 da sua tabela tipológica e posteriormente dividida nos subtipos A, B e C por Lamboglia (1955), com base em critérios morfológicos que assentavam sobretudo na altura e

inclinação dos bordos. Nesta ótica, as três variantes sucediam-se no tempo e apresentavam significados cronológicos distintos (Filipe 2018: 298).

A multiplicidade de trabalhos arqueológicos e respetivas publicações (onde se destaca o estudo dos conjuntos associados à fundação de Lyon) permitiram demonstrar que as três variantes não se sucediam no tempo e não evoluíam formalmente com significados cronológicos, visto que eram contemporâneas umas das outras (Filipe 2018: 299). Questões como a olaria de onde procede, o período em que funcionou a mesma, ou a sua localização geográfica poderão ter tido influência na pluralidade de variantes de bordo que se observa (Benquet, Olmer 2002).

Face ao exposto, apesar das distintas variantes e de outras nomenclaturas que foram estabelecendo-se ao longo de mais de um século, a designação Dr.1 continua a ser a mais operativa e a mais utilizada atualmente (Fabião 1998: 375-384; Benquet, Olmer 2002; Almeida 2008: 60).

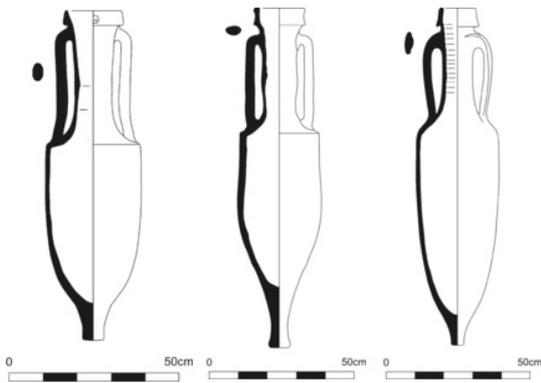


Figura 2– Ânfora do tipo Dressel 1 e as suas variantes (da esquerda para a direita: Dressel 1A Dressel 1B e Dressel 1C (adaptado de <https://archaeologydataservice.ac.uk>).

Em termos morfológicos, a Dr.1 caracteriza-se por possuir corpos fusiformes, rematados por bicos fundeiros maciços, de ombros geralmente bem marcados onde repousam as asas. Estas são de secção ovalada e perfil sinuoso, arrancando imediatamente abaixo do bordo. O colo é alto e cilíndrico e o bordo é de secção triangular ou de tendência retangular (Étienne, Mayet 1994: 131-132; García Vargas 1998: 71-72; García Vargas *et al.* 2016a).

A Dr. 1A é a variante deste tipo mais próxima das ânforas greco-italicas, possuindo uma altura total não superior a 1,10m, normalmente apresentam uma pança cilíndrica com carena bem marcada nos ombros e bordos curtos, com uma inclinação máxima de 45°, inferiores a 5,5 cm. A Dr. 1B é mais alta que a anterior, de corpo cilíndrico ou tendencialmente ogival e destaca-se pelos seus bordos mais altos, entre 6 e 8 cm, verticais e sub-retangulares. A variante 1C apresenta um perfil de bojo mais conforme e bordos triangulares ou sub-retangulares com altura superior a 6 cm (Peacock, Williams 1986; Guimarães 2018).

Como já se mencionou, a forma Dr.1 tem a sua origem na evolução morfológica das ânforas greco-italicas, evolução esta operada a partir do 3.º quartel do séc. II a.C. (Molina Vidal 1997; Molina Vidal 2001). A sua produção inicial estendeu-se a toda a costa Tirrenica da Itália Central - Etrúria, Lácio-Campania -, região onde se pode identificar um grande número de centros produtores (Peacock 1977; Almeida 2008).

A partir do séc. I a.C. várias regiões começam a produzir contentores que reproduzem o modelo itálico, constituindo, portanto, a primeira manifestação evidente da romanização destas ânforas. O processo mencionado, segundo Almeida (2008: 61), manifesta-se, sobretudo, em locais onde já existia uma tradição de fabrico de ânforas pré-romanas pelo que é provável que terá ocorrido nestas zonas mais um processo de romanização dos contentores, do que uma reorientação das atividades produtivas a favor de novos produtos (Fabião 1998: 178). Como exemplo mais notório salientam-se, por exemplo, as Dr.1 provinciais que pretendem tirar partido de uma forma, bem como de um conteúdo, de comprovado êxito (Almeida 2008: 61).

Com efeito, a evolução local das Dressel 1 hispânicas, podem estar relacionadas com produções paralelas a partir das greco-italicas regionais (Sáez Romero; Díaz Rodríguez 2007). Em Pery Junquera (localizado na baía gaditana) existe um grande volume de produções de greco-italicas tardias, principalmente a partir da segunda metade do séc. II a.C., com formas claramente evolucionadas (Bustamante Álvarez, Martín-Arroyo Sánchez 2004: 446, *apud* Almeida 2008: 61). Neste centro produtor, documentou-se a presença conjunta de greco-italicas e Dr. 1A em contextos de finais do séc. II/inícios do I a.C. (Lagóstena Barrios, Bernal Casasola 2004: 79).

Para além do centro produtor de Pery Junquera, a produção de contentores baseados em modelos itálicos, na parte meridional da Hispânia romana, tem os seus mais antigos precedentes na baía gaditana. Relativamente às ânforas do tipo Dressel 1, a sua produção na Ulterior, teve a sua primeira confirmação no âmbito da escavação dos fornos de El Rinconcillo, onde se reconheceu uma forma que imitava a Dr. 1C (Beltran Lloris 1977). Atualmente, com o desenvolvimento de trabalhos arqueológicos, existem abundantes testemunhos de produção meridional hispânica de ânforas enquadradas no tipo Dr.1 que reproduzem de forma relativamente fiel os modelos itálicos, particularmente as Dr. 1A e 1C, não existindo, porém, até ao momento, evidências acerca de conexões morfológicas entre a Dr. 1 A, B e C. Com isto, pode-se assinalar de forma incontestável a sua produção na baía de Cádiz (García Vargas 1996; García Vargas 1998), em Algeciras (Beltran Lloris 1977; Domergue 1973), em Málaga (Arteaga Matute 1985). De salientar que foram inclusivamente detetados centros produtores de Dr.1 na própria cidade de Cádiz, designadamente nos municípios de Puerto de Santa Maria e de São Fernando (Almeida 2008: 62). Paralelamente, apesar de não existirem dados concretos relativos a centros produtores, foram também identificados exemplares com manufaturas típicas do interior da Ulterior, nomeadamente do Vale do Guadalquivir. A ânfora Dr. 1 foi também amplamente imitada na Tarraconense, bem como no sul de França, na Calábria e Sicília.

Como resultado da informação arqueológica, pode-se constatar que é a partir de meados do séc. I a. C. que a produção e comercialização destas ânforas (produzidas na Ulterior) se intensifica de um modo bastante considerável. A produção de Dr. 1C ter-se-á estendido até aos últimos anos do séc. I a.C. ou primeiras décadas do século seguinte (García Vargas 1998: 73; Bernal Casasola *et al.* 2003: 310; Sáez Romero 2008: 572-578; García Vargas *et al.* 2016b, *apud* Filipe 2008: 257).

Por fim, resta mencionar ao contrário do modelo itálico (o conteúdo vinário para esta tipologia anfórica está bem atestado através de *títuli picti*), a imitação da Ulterior costeira destinava-se a envasar produtos piscícolas, facto atestado em Baelo Claudia onde no interior de duas ânforas completas se conservavam ainda vestígios de preparados de peixe (Bernal Casasola *et al.* 2003b: 310-311). No que se refere às produções da Dr. 1 no Vale de Guadalquivir parece ter sido, como a maioria dos espécimes dos tipos que imitam, utilizada também para o transporte de vinho (Almeida *et al.* 2016).

3. A intervenção arqueológica no sítio do Rei Ramiro e a amostragem objeto de estudo

3.1 Os dados quantitativos e os grupos de fabrico

No conjunto das ânforas identificadas no sítio do Rei Ramiro, a forma Dr. 1 constitui o tipo tardo-republicano mais representado, tendo-se identificado 185 fragmentos. Embora se registre a presença da designada variante 1C, e mais esporadicamente da 1B, a esmagadora maioria das ânforas deste tipo documentadas no sítio do Rei Ramiro enquadram-se na chamada Dr. 1A, de bordos com secções triangulares e relativamente curtos.

Tabela 1 - Distribuição das ânforas Dr.1 por proveniência, tipos e partes do recipiente.

Procedência	Tipo	Bordo	Asa	Fundo	Paredes com carena	Paredes	Colo	Frag. n.º
Itália (Lácio-Campânia)	1A	22						22
	1B	2						2
	1C	4						4
Ulterior (costeiro)	Indeterminado		33	13	3	86	4	139
	1A	3						3
	1C	4						4
Ulterior (vale do Guadalquivir)	Indeterminado	1	2		1	2	1	7
	1B	1				2		3
Totais	Indeterminado			1				1
		37	35	14	4	90	5	185

No que se refere aos grupos de fabrico, a análise macroscópica da totalidade dos fragmentos de ânforas Dr.1 do sítio do Rei Ramiro, permitiu reconhecer e caracterizar três grupos de pastas:

- Grupo 1: Caracteriza-se por uma pasta compacta, dura e pouco depurada. A cor da pasta é essencialmente o castanho-avermelhado (Mun.2,5 YR 6/4). Os elementos não plásticos encontram-se bem presentes e são constituídos por quartzo,

quartzitos de pequenas dimensões e numerosas partículas de origem vulcânica. As paredes apresentam a tonalidade da pasta ou uma aguada de tom branco ou bege-amarelado, resultante provavelmente da utilização de água no seu fabrico (Pimenta 2005: 55). Este tipo corresponde às típicas produções ditas campanienses, caracterizadas por uma grande abundância de partículas vulcânicas (Peacock, Williams 1987: 87-88).

Segundo João Pimenta (2005: 55), estas pastas são igualmente designadas por tipo “Eumachi”, tendo em consideração as marcas existentes sobre ânforas Dressel 2-4 produzidas na região de Pompeia. Todavia, segundo o estudo de Hesnard *et al.* (1989: 41, *apud* Pimenta 2005: 55), onde foram realizados várias análises físico-químicas sobre conjuntos com estas pastas, provenientes de diversos sítios da Hispânia e da Gália, foi possível identificar cinco grupos relativamente homogêneos: um correspondendo às produções da área de Pompeia e quatro grupos que deverão corresponder a diferentes centros produtores situados nas regiões vulcânicas do Sul do Lácio e da Campânia. Estas últimas, segundo o estudo já mencionado, parecem dominar nos contextos do séc. I a.C. enquanto que as produções pompeianas se encontram bem documentadas em contextos da segunda metade do séc. II a.C., como por exemplo nos acampamentos do cerco de Numância (Hesnard *et al.* 1989: 46, *apud* Pimenta 2005: 56). O grupo produtivo em análise foi identificado na totalidade das ânforas Itálicas estudadas. Este é, portanto, o fabrico mais bem representado entre as ânforas tardo-republicanas do sítio do Rei Ramiro.



Figura 3 – Pormenor do fabrico itálico com a aguada na superfície externa (fragmentos de bordos de ânfora Dressel 1 A, lado direito, e Dressel 1C, lado esquerdo).

- Grupo 2: A pasta dura é áspera, de cor amarelo acastanhado, amarelo-alaranjado (7.5YR 7/4, 7.5YR 8/4, 10YR 8/2) sendo perceptível, em alguns casos, a presença de engobe na superfície externa relativamente idêntico à cor da pasta, com numerosas inclusões brancas e sem cor. A pasta é idêntica às Dressel 20, pelo que a identificação de pequenos fragmentos informes é de difícil identificação. A pasta apresenta igualmente uma variedade de inclusões, especificamente grandes grãos de quartzo, quartzito, potássio e pequeno feldspato plagioclásio, juntamente com fragmentos de quartzito, arenito, sílex, calcário e quartzo-mica-xisto (Peacock, Williams 1986).

Este tipo corresponde às típicas produções do vale do Guadalquivir. De salientar que a definição e caracterização macroscópica de produções distintas para a região do Guadalquivir, é uma tarefa extremamente difícil devido principalmente à grande uniformidade da geologia e litologia regional que se manifesta numa grande homogeneidade de pastas, em particular aos típicos desengordurantes que consistem em minerais detríticos não argilosos (Grubessi 1999: 365).

- Grupo 3: O grupo gaditano caracteriza-se pelas clássicas pastas amarelas/amarelo-esverdeadas relativamente bem depuradas, com pequenas inclusões de quartzos, microfósseis dispersos de tamanho diverso e hematites mais ou menos alargados e de tamanho médio a grande relativamente frequentes. A pasta é arenosa dura e ligeiramente áspera. Na fratura, a argila geralmente tem uma tendência laminar (Monfort 2016).

A baía de Cádiz e a área circundante que abrange Jerez de la Frontera, El Porto de Santa Maria, Rota, Sanlúcar e Chipiona – exhibe igualmente cerâmica com características petrológicas semelhantes, devido ao uso de argilas derivadas de fontes terciárias e quaternárias localizadas na foz do rio Guadalete (Tomber, Dore 1998: 102). Para além das partículas de quartzo, salienta-se também a presença nas pastas de fragmentos de calcário, pelecypoda fóssil e foraminíferos, com grãos raros de chert e arenito fino (Peacock 1977).



Figura 4 – Pormenor de exemplares anfóricos Dr.1 C recolhidos na escavação arqueológica do Rei Ramiro com fabricos da costa meridional da ulterior.

3.2 Contextualização estratigráfica

A esmagadora maioria dos elementos identificados encontram-se estratigraficamente em contexto secundário, ou seja, foram detetados em níveis cronologicamente posteriores à sua produção e comercialização.

Uma das explicações para a ocorrência deste facto encontra-se nas dinâmicas geomorfológicas de zonas de vertente acentuada onde a frequente escorrência ou arrastamento dos depósitos formados nas cotas superiores do morro para a sua base por ação hídrica ou antrópica, alterou substancialmente a dinâmica da deposição dos materiais arqueológicos, com a

frequente mistura de materiais de cronologias e tipologias díspares em quase todos os contextos que foram identificados (Ramos 2018).

Desta forma, explica-se o facto de a esmagadora maioria (73%) dos fragmentos de ânfora do tipo Dr.1, sobretudo os de proveniência itálica, terem sido identificados nas fases mais tardias de ocupação do sítio.

Fases cronológicas - Dr.1



Figura 5 – Localização crono-estratigráfica dos fragmentos de Dr.1 provenientes do sítio do Rei Ramiro (Castelo de Gaia).

Com efeito, destaca-se uma percentagem considerável de fragmentos em contexto primário ou que se coaduna com as realidades cronológicas deste tipo de ânfora (27%) como se pode verificar na fig.5.

No gráfico em análise, é de assinalar a presença de 3% fragmentos de ânfora do tipo Dr.1 em contextos do séc. II a. C (fase III), 6% dos fragmentos em ocupações da primeira metade do séc. I, 4% dos fragmentos na fase VI (segunda metade do séc. I a.C.), 1% situam-se em contextos arqueológicos inseridos entre 30-20 a. C. (fase VII), 10% na fase VIII (finais do séc. I a.C.) e 3% já em níveis do séc. I d.C. (também em contexto secundário devido à especificidade da formação que integra os fragmentos de ânfora Dr.1).

4. Discussões e considerações finais

A excelente localização e condição portuária da colina do castelo de Gaia sobranceiro ao Rio Douro, foi determinante para a zona constituir uma referência no que se refere aos contatos comerciais com o mundo romano. Desta forma, a posição de Gaia, no ponto de encruzilhada de rotas fluvio-marítimas e terrestres é relacionável com a presença de material anfórico de diversas proveniências (Guimarães 2000: 165).

Em termos gerais, a amostra estudada - apenas para o caso da Dr.1 - demonstra que uma das componentes do comércio em período tardo-republicano na zona do castelo de Gaia, entre a campanha militar de Décimo Júnio Bruto e o início do

principado de Augusto, era constituído pela importação do vinho produzido na costa tirrénica da Península Itálica e, em proporções provavelmente mais baixas, dos produtos piscícolas da costa meridional da Ulterior, em ambos os casos destinados principalmente a abastecer os continentes militares inseridos numa rede de abastecimento público ao exército (Fabião 1989; Filipe 2015).

A presença de ânforas Dr.1 itálicas em níveis arqueológicos do séc. II a.C. do sítio do Rei Ramiro é compatível (em termos cronológicos), por exemplo, com as primeiras grandes campanhas militares romanas no extremo ocidente da Península Ibérica (no séc. II a.C.), com claros objetivos de sustentar os focos de rebelião lusitana, bem como reconhecer uma área pouco conhecida, o Noroeste Peninsular. Neste quadro militar, já numa fase temporal muito posterior, existem também fragmentos anfóricos de origem itálica cronologicamente inseridos em fases de ocupação do sítio entre 30 e 20 a.C. momento em que Augusto estaciona legiões na Hispânia no decurso da guerra contra Cântabros e Astures. Independentemente dos momentos cronológicos mencionados, os fragmentos de Dr. 1 da Península Itálica encontram-se representadas em todas as fases cronológicas do sítio do rei Ramiro no decurso do séc. I a. C., estando a sua maior representatividade em finais do mesmo século.

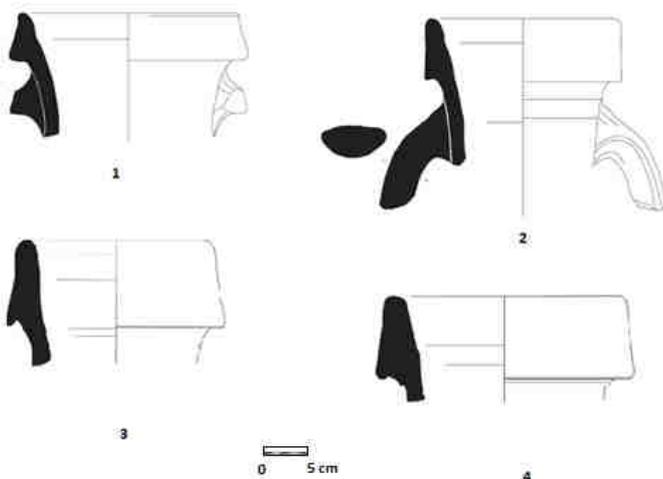


Figura 6 – Ânforas tardo-republicanas Dr.1 (provenientes do sítio do Rei Ramiro): 1- Dressel 1 A Itálica; 2, 3 e 4 – Dressel 1 C (Itálicas).

Não menos importante, trata-se do surgimento de 3% do conjunto Itálico em contextos do séc. I d.C., visto que estas produções (as Itálicas) estão confinadas aparentemente aos finais do séc. I a.C. Importa, no entanto, mencionar que os fragmentos recolhidos foram detetados num depósito pouco fidedigno do ponto de vista cronológico, pois parece corresponder a uma deposição pós-abandono do armazém romano certamente com misturas de materiais já em contexto secundário.

No que se refere à presença de contentores de outras áreas da república romana, é importante salientar que a partir de

meados do séc. I a.C. resultante provavelmente da ascensão económica da Península Ibérica (Fabião 1989: 121), com particular destaque para o vale do Guadalquivir, a produção de vinho sob consideravelmente e a presença de fragmentos de ânfora com pastas típicas da zona do Guadalquivir na amostra estudada poderá querer demonstrar a comercialização de vinho desta zona da Hispânia para o monte do castelo de Gaia através de ânforas Dr.1 (em conjunto com as Ovóide 4 e as Haltern 70 em grande número no sítio do Rei Ramiro).

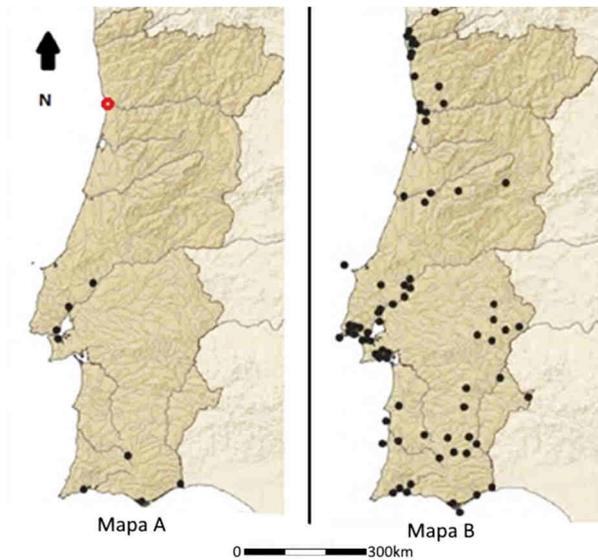
Por outro lado, foi possível também constatar que as produções da costa meridional da Ulterior, designadamente da zona gaditana, surgem no sítio do Rei Ramiro em todos os contextos do séc. I a.C. (primeira e segunda metade, incluindo em níveis augustanos). Face a estes dados, tendo em consideração a questão da romanização destes contentores, salienta-se o facto de ter sido detetado um bordo da variante C nos níveis da primeira metade do séc. I a.C. Segundo alguns investigadores (Tchernia 1986) as variantes B e C terão sido produzidas a partir do final do séc. II a. C. o que poderá demonstrar que a imitação e comercialização deste tipo de contentores terá sido realizada de uma forma relativamente rápida.

Outro aspeto interessante, tendo em consideração o facto de a bibliografia indicar que a fase de transição entre as ânforas greco-itálicas e as primeiras Dr. 1 A itálicas, se desenvolveu no período entre 140-130 a.C. e tendo perdurado até ao último terço do séc. I a.C. (Tchernia 1986), é o facto de a amostra estudada ser constituída fundamentalmente por bordos da variante A. Deste modo, será importante num próximo estudo, a aplicação de análises matemáticas e métricas (Gateau 1990) para se poder fazer a distinção entre as Dressel 1 precoces e as formas herdeiras do mundo helenístico. A análise torna-se pertinente pois aparentemente terá existido uma evolução contínua das duas formas sem rutura aparente (Pimenta 2005: 49).

Em termos espaciais, o panorama conhecido da distribuição das ânforas da forma I de Dressel produzidas na costa meridional da Ulterior no atual território português encontram-se bem documentadas no vale do Tejo e Algarve (Viegas 2011; Arruda, Sousa 2012; Parreira 2009; Pimenta, Mendes 2008; Filipe 2015; 2018), mas a sua presença é praticamente desconhecida no norte do atual território nacional, constituindo o sítio do Rei Ramiro (castelo de Gaia), com base na análise bibliográfica sobre o assunto, um dos primeiros locais do noroeste peninsular onde o fabrico desta forma se encontra atestada, quer através de produções mais interiores (vale do Guadalquivir), quer através de fabricos gaditanos ou se preferirmos da área costeira e meridional da província da Ulterior.

Por sua vez, o fabrico itálico (da região vulcânica do Sul do Lácio e da Campânia), com base na bibliografia sobre o tema (Soeiro 1984; Sá, Paiva 1989; Paiva 1993; Carvalho 1998; Silv, 2015; Bugalhão, Lourenço 2006; Diogo 1984; Arruda, Almeida 1999; Bargão 2006; Filipe 2018), conheceu uma ampla difusão no atual território português. Neste quadro, estão bem atestadas em todo o território, com particular incidência nas zonas costeiras e nas áreas próximas aos grandes rios,

encontrando-se identificadas em vários castros da região do Minho (Filipe 2018: 301).



Legenda:

- Mapa A: zona meridional da Ulterior:

Sítios: Castro Marim, Faro, Monte Molião, Mesas do Castelinho, Lisboa, Monte dos Castelinhos, Santarém e Rei Ramiro, castelo de Gaia (a vermelho).

- Mapa B: Itálicas:

Sítios: Orjais, Covilhã, na Lomba do Canho, em Maiorca, Figueira da Foz, em Coimbra Conimbriga, na ilha da Berlenga, Santarém, Chões de Alompé, Porto de Sabugueiro (Pimenta *et al.* 2014), Alto dos Cacos Alto do Castelo, Castro de S. Salvador, Cadaval, Castelo de Povos, Monte dos Castelinhos, Salvaterra de Magos, Mouchão da Póvoa, Alhandra e imediações de Vila Franca de Xira, Santa Eufémia, S. Marcos, villa de Freiria, Ermidas, região de Sintra, Santa Marta, Cacilhas, Almaraz, Quinta da Torre, Almada, Chibanes, Pedrão, Setúbal, Castelo dos Mouros, praia da Figueirinha, Troia, Miróbriga, Garvão, Ilha do Pessegueiro, Cabo Sardão, Évoramonte, Quinta do Freixo, Serra d'Ossa, Monte da Nora, Castelo Velho de Veiros, Castelo da Lousa, Cabeça de Vaiamonte, villa da Courela das Antas, Castelo das Juntas, Castelinho dos Mouros, Mesas do Castelinho, Monte Manuel Galo, Mata-Filhos, Mértola, Monte Molião, Cerro da Rocha Branca, Vila Velha de Alvor, Ilhéu do Rosário, Foz do Arade, Faro (Viegas 2011), Cabo de Santa Maria, Cerro do Cavaco, Castelo de Castro Marim, Forte de S. Sebastião de Castro Marim, vários castros do Noroeste e o sítio do Rei Ramiro (Castelo de Gaia).

Figura 7 – Distribuição de ânforas Dr.1 identificadas no atual território nacional (adaptado de Filipe 2018: 256- fig.9; 299-fig.23).

Bibliografia

ARTEAGA MATUTE, O. (1985) – Los hornos romanos de Manganeto, Amayate Bajo (Málaga). Informe preliminar, *Noticiario Arqueológico Hispánico*. 23: 197-233.

ALMEIDA, R. (2008) – *Las Ánforas del Guadalquivir en Scallabis (Santarém, Portugal). Aportación al Conocimiento de Los Tipos Minoritarios*. Collección Instrumenta 28. Barcelona. Publicacions de la Universitat de Barcelona.

ALMEIDA, R., (2016) – On the way to Augusta Emerita. Historiographical Overview, old and new data on fish-product amphorae and commerce within the trade to the capital of Lusitania, in: I. V. PINTO, R. ALMEIDA, A. MARIN (Eds.), *Lusitanian Amphorae: Production and Distribution*. Roman and Late Antique Mediterranean Pottery 10, Archaeopress Series: 195-218.

ARRUDA, A. M.; ALMEIDA, R. (1999) – As importações de vinho itálico para o território actualmente português: contextos, cronologias e significado, *Économie et territoire en Lusitanie romaine*. Madrid. Casa de Velazquez: 307-337.

ARRUDA, A. M.; SOUSA, E. (2012) – Ânforas republicanas de Monte Molião (Lagos, Algarve, Portugal), *Spal*. 21: 93-133.

BARGÃO, P. (2006) – *As importações anfóricas do Mediterrâneo durante a época Romana Republicana na Alcáçova de Santarém*. Dissertação de Mestrado em Pré-história e Arqueologia, apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa. Policopiado.

BARBOSA, J.P.; PRIETO, R. (2011) – *Rei Ramiro Terraces (RRT08). Sondagens de avaliação prévia. Rua do Rei Ramiro/Cais de Gaia. Santa Marinha. Vila Nova de Gaia. Relatório Final*. Porto. Logiark. Serviços Arqueológicos. Relatório Policopiado

BELTRÁN LLORIS M. (1977) – Problemas de la morfología y del concepto histórico geográfico que recubre la noción tipo. Aportaciones a la tipología de las ánforas béticas, *Méthodes classiques et méthodes formelles dans l'étude typologique des amphores*. Actes du colloque de Rome, 27-29 mai 1974. Rome. École Française de Rome: 97-131.

BENQUET, L.; OLMER, F. (2002) – *Les amphores*. In *La Loba (Funteobejuna, Cordoue, Espagne)*. La mine et le village minier anti-ques. Bordeaux. Ausonius (Mémoires 7).

BERNAL, CASASOLA, D.; ARÉVALO, A.; LORENZO, L.; AGUILERA, L. (2003Aa) – Imitations of Italic amphorae for fish sauce in Baetica. New evidence from the salt-fish factory of Baelo Claudia (Hispania), *Rei Cretariae Romanae Favtorum*. Acta 38. International Congress - 2002. Roma. American Academy in Rome: 305-313.

BERNAL, CASASOLA, D.; JIMÉNEZ CAMILO, R.; LORENZO MARTÍNEZ, L.; TORREMOVHA SILVA, A.; EXPÓSITO ALVAREZ, J. A. (2003b) – Las factorías de salazones de 'Ivliá Traducta'. Espectaculares hallazgos arqueológicos en la Calle San Nicolás nº 3-5 de Algeciras, *Almoraima*. 29: 163-183.

BANHA, C. (2006) – *As ânforas romanas de Idanha-a-Velha (Civitas Igaeditanorum)*. Dissertação de Mestrado em Pré-história e Arqueologia, apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa. Policopiado.

BUSTAMENTE ÁLVAREZ, M.; MARTÍN-ARROYO SÁNCHEZ, D. (2004) – La producción de ánforas greco-italicas de imitación y su evolución en la bahía gaditana durante el siglo II a.C.: los contextos de la Avenida Pery Junquera en San Fernando (Cádiz), in: D. BERNAL, L. LAGÓSTENA (eds.), *Figlinae Baeticae. Talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a.C. - IV d.C.)*. BAR International Series 1266. Oxford: 44-446.

BUGALHÃO, J., LOURENÇO, S. (2006) – As ânforas romanas da Ilha da Berlenga”, Simpósio Internacional Produção e comércio de preparados piscícolas durante a Proto-História e a época Romana no Ocidente da Península Ibérica, Homenagem a Françoise Mayet, *Setúbal Arqueológica*. 13: 279-294.

CARVALHO, P. C. (1998) – *O Fórum de Aeminium*. Lisboa. Instituto Português de Museus.

CARVALHO, T.P. (2003) – As ocupações no Castelo de Gaia - problemas de arqueologia urbana, *Revista da Faculdade de Letras - Ciências e Técnicas do Património*. 2: 823-41.

CARVALHO, T.P.; FORTUNA, J. (2000) – Muralha romana descoberta no Castelo de Gaia, *Al-Madan*. 9: 158-62.

- ÉTIENNE, R.; MAYET, F. (1994) – À propos de l'amphore Dressel 1C de Belo (Cadix), *Mélanges de la Casa de Velázquez*. Tome 30-1: 131-138.
- DIOGO, A. M. D. (1984) – O material romano da 1ª Campanha de Escavações da Alcáçova de Santarém, *Conimbriga*. 23: 111-141.
- DRESSSEL, H. (1899) – *CIL XV: Inscriptiones urbis Romae Latinae. Instrumentum domesticum*. Berlin.
- DOMERGUE, C. (1969) – La campagne de fouilles 1966 à Bolonia (Cádiz), *X Congreso Nacional de Arqueología*. Zaragoza: 442-456.
- FABIÃO, C. (1989) – *Sobre as ânforas do acampamento romano da Lomba do Canho (Arganil)*. Lisboa. UNIARQ/INIC.
- FABIÃO, C. (1998) – *O Mundo indígena e a sua romanização na área céltica do território hoje português*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa. Policopiado.
- FILIPE, V. (2015) – As ânforas do teatro romano de Olisipo (Lisboa, Portugal): campanhas 2001-2006, *Spal*. 24: 129-163.
- FILIPE, V. (2018) – *Olisipo, o grande porto da fachada atlântica. Economia e comércio entre a República e o Principado*. Dissertação de doutoramento em História, na especialidade de arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiado.
- GARCÍA VARGAS, E. (1998) – *La producción de ánforas en la bahía de Cádiz en época romana (siglos II A.C. - IV D.C.)*. Ecija. Gráficas Sol.
- GARCÍA VARGAS, E. (2016a) – Amphora Circulation in the Lower Guadalquivir Valley in the Mid Imperial Period: the Lusitana 3 Type, I. V. PINTO, R. ALMEIDA, A. MARTIN (Eds.), *Lusitanian Amphorae: Production and Distribution*. Roman and Late Antique Mediterranean Pottery 10. Archaeopress Series: 285-298.
- GARCÍA VARGAS, E., BERNAL CASASOLA, D., SÁEZ ROMERO, RODRIGUEZ J. (2016 b) – Dressel 1 (Baetica Ulterior coast), Amphorae ex Hispania. Landscapes of production and consumption (<http://amphorae.icac.cat/amphora/dressel-1-baetica-ulterior-coast>).
- GATEAU, F. (1990) – Amphores importées durant le 1er s. Av. J.C. dans trois habitats de Provence Occidentale: Entremont; le Baou-Roux; Saint-Blaise, *Documents d'Archéologie Méridionale*. 13: 163-183.
- GUIMARÃES, J. A. G. (1995a) – *Gaia e Vila Nova na Idade Média, Arqueologia de uma área ribeirinha*. Porto. Univ. Portucalense.
- GUIMARÃES, J. A. G. (1995b) – Escavações arqueológicas na Igreja de Gaia, *Actas da IV Reunião d'Arqueologia Cristiana Hispânica (Lisboa, 1992)*. Barcelona. Institut d'Estudis Catalans/Univ. Nova de Lisboa: 429-41.
- GUIMARÃES, J. A. G. (2000a) – Um século de Arqueologia em Vila Nova de Gaia, *Al-Madan*. 9: 155-68.
- GUIMARÃES, R. (2018) – *O comércio em período romano nas Ilhas Baleares – um conjunto anfórico do Porto de Pollentia (Alcúdia, Maiorca, Espanha)*. Dissertação de mestrado em arqueologia. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa.
- HESNARD, A.; MONIQU, R.; ARTHUR, P.; PICON, TCHERNIA, A. (1989) – Aires de production de Greco-italiques e Dr.1, *Amphores romaines et histoire economique: dix ans de recherche*. Rome. École Française de Rome (Collection d'École Française de Rome 114): 21-65.
- LAMBOGLIA, N. (1955) – Sulla cronologia delle anfore romane di età repubblicane (II-I secolo a.C.), *Rivista di Studi Liguri*. 22: 241-270.
- LAGÓSTENA BARRIOS, L., BERNAL CASASOLA, D. (2004) – Alfares y producciones cerámicas en la provincia de Cádiz. Balance y perspectivas, in: D. BERNAL, L. LAGÓSTENA (eds.), *Figlinae Baeticae. Talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a.C. - IV d.C.)*. BAR International Series 1266: 39-124.
- MOLINA VIDAL, J. (1997) – *La dinámica comercial romana entre Italia e Hispania Citerior*. Alicante. Instituto de Cultura Juan Gil- Albert.
- MOLINA VIDAL, J. (2001) – Las primeras exportaciones béticas en e Mediterráneo Occidental, *Actas Congreso Internacional Ex Baetica Amphorae, Conservas y vino de la Bética en el Imperio Romano*. Vol. 2. Écija. Gráficas Sol: 637-645.
- NASCIMENTO, A.; SOUSA, L.; SILVA, N. (2008) – *Intervenção Arqueológica QSAVNG.07 - Quinta de Santo António - Santa Marinha, Vila Nova de Gaia – Relatório de Progresso, 2ª e 3ª Fases*. Vila Nova de Gaia. Empatia – Arqueologia, Lda.
- PARREIRA, J. (2009) – *As ânforas romanas de Mesas do Castelhinho*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiado.
- PEACOCK, D. P. S. (1977) – Roman amphorae: typology, fabrics and origins. Méthodes classiques et méthodes formelles dans l'études des amphores, *Actes du colloque de Rome, 27-29 mai 1974*. Collection de l'École française de Rome. 32. Rome: 261-278.
- PEACOCK, D. P. S.; WILLIAMS, D. F. (1986) – *Amphorae and the Roman Economy, an Introductory Guide*. London. Longman Publications.
- PAIVA, M. (1993) – *Ânforas romanas de castros da fachada atlântica do Norte de Portugal*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto. Policopiado.
- PIMENTA, J. (2005) – *As ânforas romanas do Castelo de São Jorge (Lisboa)*. Lisboa. Instituto Português de Arqueologia.
- PIMENTA, J.; MENDES, H. (2008) – Descoberta do povoado pré-romano de Porto do Sabugueiro (Muge), *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 11(2): 171-194.
- QUEIROGA, FRANCISCO R. (2006) – *Relatório de trabalhos arqueológicos. Loteamento do Gaveto Entre Quintas-S.Marcos. Sta. Marinha, Vila Nova de Gaia*. Vila Nova de Famalicão. Perennia Monumenta. s.d.
- RAMOS, R. (2018) – *Relatório final da escavação arqueológica do sítio do Rei Ramiro, V.N. Gaia (2016-2018)*. ERA-Arqueologia, S.A.. Lisboa. policopiado.
- TOMBER, R.; DORE, J. (1998) – *The National Roman Fabric Reference Collection. A handbook*. Museum of London Archaeology Service (MOLAS) Monograph. London.
- TCHERNIA, A. (1986) – *Le vin d'Italie romaine. Essai d'histoire économique d'après les amphores*. Paris. de Boccard.
- SÁ, M.; PAIVA, M. (1989) – Ânforas romanas de Sanfins (I), *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*. Governo Civil do Distrito de Viseu: 441-468.
- SÁEZ ROMERO A. M.; DÍAZ RODRÍGUEZ, J. J. (2007) – La producción de ánforas de tipo Griego e Grecoitalico en Gadir y en el área del estrecho, *Cuestiones tipológicas y de contenido, Zephyrus*. 60: 195-208.
- SÁEZ ROMERO, A. M. (2008) – *La producción cerámica en Gadir en época tardopúnica (siglos -III/-I)*. BAR International Series 1812. Oxford.
- SOEIRO, T. (1984) – *Monte Mozinho: apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época Romana*. Penafiel - Boletim Municipal de Cultura. 3ª série. 1.
- SOUSA, L.C. P.; PIEDADE, M. (2008) – *Intervenção Arqueológica QSM-VNG.07/08 – Quinta de São Marcos- Santa Marinha, Vila Nova de Gaia*. Vila Nova de Gaia. Empatia Arqueologia, Lda.
- SILVA, ARMANDO C. F. (1984) – Aspectos da proto-história e romanização no concelho de Vila Nova de Gaia e problemática do seu povoamento, *Gaya*. 2: 39-58.
- SILVA, ANTÓNIO MANUEL S. P. (1994) – *Proto-história e Romanização no Entre Douro e Vouga Litoral. Elementos para uma avaliação crítica*. Porto. Faculdade de Letras da Univ. do Porto. Dissertação de mestrado. 2 vols.
- SILVA, A. M. S. P. (2007) – *Gaia. Plano Diretor Municipal. Relatório 2.11 Património Arqueológico e Geomorfológico*. [V. N. Gaia]. Gaiurb, EM. Município de Vila Nova de Gaia.
- SILVA, R. C. (2015) – *O Museu Nacional de Machado de Castro - um ensaio de arqueologia urbana em Coimbra: do fórum augustano ao paço episcopal de Afonso de Castelo Branco*. Tese de doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

VIEGAS, C. (2011) – *A ocupação romana do Algarve. Estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*. Estudos & Memórias 3. Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

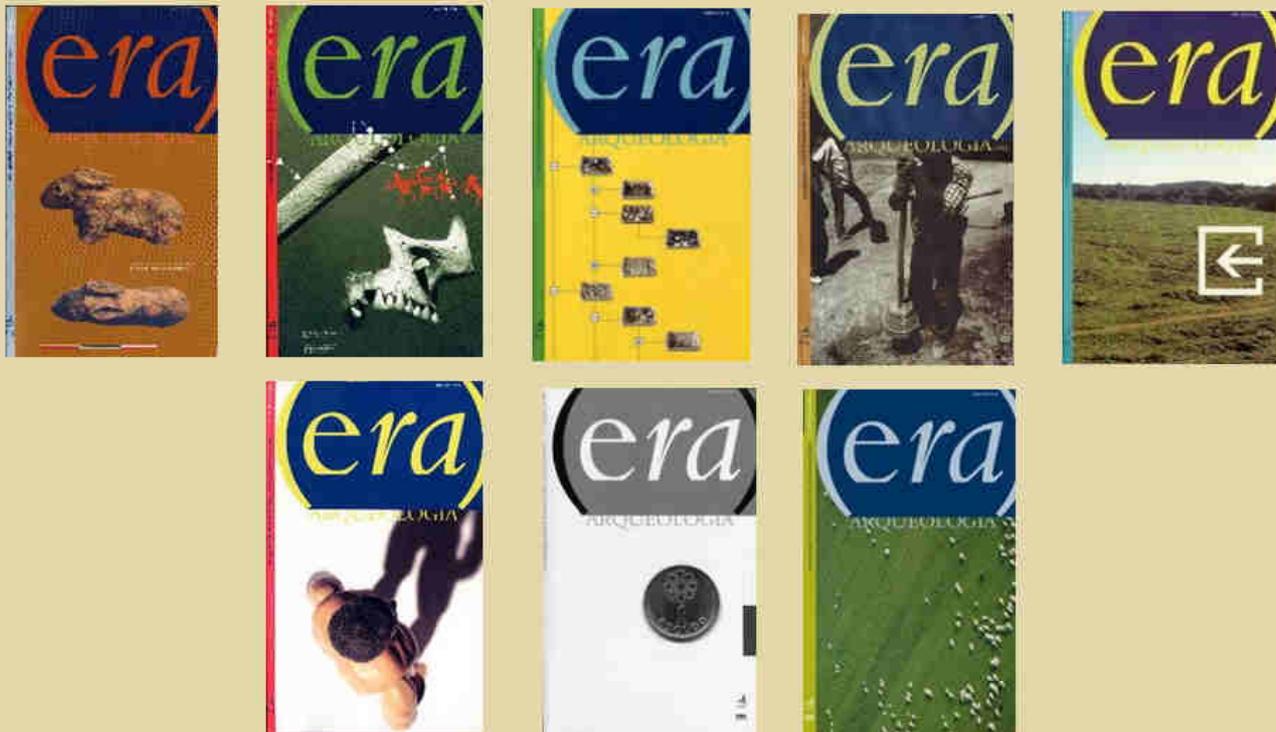
WILLIAMS, D. F. (1995) – A petrological note on amphora fabrics from the survey and along the Eastern Spanish coast. A Roman provincial capital and its hinterland. The survey of the territory of Tarragona, Spain, 1985-1990. *Journal of Roman Archaeology*. Supplement. 15: 304-310.

WILLIAMS, D. F.; PANELLA, C.; KEAY, S. (2005) – *Dressel 2-4 Italian. Roman Amphorae: a digital resource*. University of Southampton (http://archaeologydataservice.ac.uk/archives/view/amphora_ahrb_2005/).

OUTRAS PUBLICAÇÕES DA ERA ARQUEOLOGIA

Série ERA Arqueologia

Oito volumes publicados entre 2000 e 2008



Série ERA Monográfica
Três volumes publicados



Série Perdigões Monográfica
Um volume publicado